

As Ciências Militares e sua conexão com defesa e segurança – existência, trajetória e finalidade

Military Sciences and its connection with defense and security – existence, path and purpose

Israel Alves de Souza Júnior¹

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa sobre as Ciências Militares e seu universo de abrangência. O tema se delimita para a discussão sobre as questões ontológicas, epistemológicas e teleológicas das Ciências Militares enquanto campo de estudo e pesquisa científica. A fim de desenvolver essa investigação, foram elaboradas duas perguntas de pesquisa: o que são Ciências Militares? Como as Ciências Militares se desenvolveram enquanto área científica? A presente pesquisa foi motivada pela necessidade de um melhor entendimento da abrangência das Ciências Militares como campo de estudo e pesquisa acadêmica teórica e aplicada à Defesa. O objetivo geral deste trabalho de pesquisa é, portanto, definir ciências militares com base na evolução do pensamento científico e trazer luz para seu objeto de estudo, evidenciando sua 'existência', sua 'trajetória' e sua 'finalidade'. Para atingir esse objetivo, buscou-se, especificamente, revisitar potenciais definições para as Ciências Militares ao longo de sua trajetória como campo de estudo em construção. A metodologia utilizada nesse estudo é de natureza qualitativa, empregando o ferramental de revisão sistemática da literatura para sua condução. Este trabalho de pesquisa está organizado em cinco seções: a primeira é uma introdução ao tema das Artes e Ciências Militares. A segunda seção apresenta as Ciências Militares, desde o conhecimento empírico até o sistematizado – ontologia e teleologia; a terceira seção traz uma breve reflexão filosófico-epistemológica sobre a trajetória das Ciências Militares; a quarta seção apresenta as Ciências Militares na perspectiva brasileira; e, na sequência, são apresentadas as considerações finais, marcando a presença das Ciências Militares como relevante campo de estudo acadêmico contemporâneo que orbita em torno da Defesa Nacional.

Palavras-chave: Ciências Militares; Segurança; Defesa; Multi(inter)disciplinar; Brasil.

¹ Tenente-Coronel do Exército Brasileiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (PPGCM), com ênfase em Defesa. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Abstract

This article addresses a piece of research on Military Sciences and its scope. The topic is delimited to the discussion of ontological, epistemological, and teleological issues of Military Sciences as a field of study and scientific research. Two research questions were formulated: what are Military Sciences? How did Military Sciences develop as a scientific area? This research was motivated by the need for a better understanding of the scope of Military Sciences as a field of study and its theoretical/applied to Defense academic research. The general objective of this investigation is to define military sciences based on the evolution of scientific thoughts and elicit its object of study, highlighting its 'existence', 'path', and 'purpose'. This research seeks to revisit definitions of Military Sciences, throughout its path, as a field of study which is still being shaped, employing a qualitative methodology, by means of a systematic literature review. The article is then organized into five sections: an introduction to Military Sciences and Arts; the empirical and systematized knowledge-building processes – ontology and teleology; philosophical and epistemological views; the Brazilian perspective on Military Sciences; and some final remarks on Military Sciences as a contemporary academic field of study, navigating around National Defense.

Keywords: Military Sciences; Security; Defense; Multi(inter)disciplinary; Brazil.

INTRODUÇÃO À ARTE MILITAR E ÀS CIÊNCIAS MILITARES

Antes de adentrarmos o complexo universo da definição das ciências militares, é necessário entendermos o que é Ciência. Chalmers¹ traz para discussão a questão da ciência como algo especial, como conhecimento baseado em fatos. No entanto, o autor adverte que essa observação precisa ser meticulosa e acompanhada de uma ação de pensar o fato observado, para, então, possivelmente, gerar leis e teorias. Essa visão a partir da empiria foi por muito tempo compartilhada por cientistas, inclusive os positivistas, como Auguste Comte, que defendiam que o conhecimento devia ser um desdobramento dos fatos vivenciados. Fica clara a influência do contexto e das expectativas do observador na percepção do objeto. Chalmers¹ afirma, ainda, que fazer ciência é muito mais complexo e interdependente do que a simples visão empírica dedutiva ou indutiva sugere.

Alves², por sua vez, apresenta a ideia de uma ciência desmistificada, mostrando que ela é uma extensão refinada do senso comum. O autor explica que os problemas movem tanto o senso comum, quanto o pensamento científico, nas busca por soluções, ordem e construção de modelos para atingir um fim desejado.

A partir dessas premissas observacionais, já é possível depreender que o campo das ciências militares nasce, como muitos outros, a partir da observação dos fatos ocorridos, da empiria, que no seu caso específico, ocorrem na guerra, no conflito, e a partir deles busca, a princípio, mitigar problemas e reveses, ou mesmo eliminá-los do campo de batalha. Com o passar do tempo, a



ciências militares foram se moldando e construindo um campo de estudo mais organizado e sistematizado.

O estudo das Ciências Militares vem de longa data, sendo evidenciado, ao longo da história, nas disputas territoriais, bem como nos surgimentos e quedas de grandes impérios. Guerras e batalhas, antigas ou contemporâneas, têm sido analisadas na tentativa de se compreender fatores e aspectos relacionados às vitórias e às derrotas. As Ciências Militares não só colocavam luz em batalhas e manobras operacionais, mas também afetavam os campos político, psicossocial e cultural dos povos.³

O questionamento sobre aspectos da guerra é antigo, e batalhas violentas datam dos períodos históricos do Pleistoceno/Holoceno, evidenciando episódios de guerra na pré-história, antes mesmo da concepção do que viria a ser sociedade.^{4,2} Os estudos da guerra, ou da história militar, ou por conseguinte, das Ciências Militares antecedem o século XX, conforme a ocorrência de pesquisas com este caráter já no século XVIII, com a criação de periódicos sobre Ciências Militares na Alemanha da época.⁴ Ainda nesse escopo, é possível mencionar que a Revolução Francesa e as guerras subsequentes deram origem à teoria militar moderna, que pode ser compreendida como Ciência Militar.⁵

Para Bellvé⁶, em seu dicionário de ciências militares, a explicação terminológica se inicia apresentando, antes de mais nada, o conceito de ciência como o conhecimento das coisas por meio de seus princípios e causas ou um conjunto metódico de verdades relativos a uma determinada área do saber ou da atividade humana. Na sequência, o autor explica que a ciência militar, como a arte militar (uma variação lexical que pode significar a mesma coisa, dependendo da língua ou da cultura do país), é o conjunto de conhecimentos que tratam da guerra e das instituições militares. A ciência militar abrange os mesmo princípios, regras e teorias da arte militar. A Alemanha do século XIX já utilizava o termo Ciência Militar (*Militär-Wissenschaft*), não adotando 'arte militar' (que não fazia parte de seu rol lexical) para tratar de questões relativas à guerra. Bellvé⁶ acrescentou, ainda, que a ciência da guerra, ou militar é nobre e útil, ao mesmo tempo, pois pode ajudar a 'combater' inimigos poderosos sem ter que combater.

Ao abordarmos o contexto dos aspectos inerentes à dimensão humana, Bogdanov⁷ explicita que a guerra é, de fato, um dos fenômenos mais complexos da vida humana e que seus objetivos sustentam a teoria das ciências militares. Sob um viés suntziano, a guerra pode ser compreendida como um acontecimento complexo observável, e que apresenta dificuldades das mais diversas. Nesse viés de complexidade, Clausewitz⁸, em seus estudos sobre o tema, na continuidade de seu esforço para conceituação da guerra, para além da célebre frase "a guerra como as relações políticas com a entremistura de outros meios"⁹, apresenta outro importante conceito, nomeado por

² Wrangham RW, Glowacki L. Intergroup aggression in chimpanzees and war in nomadic hunter-gatherers: Evaluating the chimpanzee model. Hum. Nat. 23:5-29, 2012 and Fry DP, Söderberg P. Lethal aggression in mobile forager bands and implications for the origins of war. Science. 341(6143):270-3, 2013 apud (4).



ele de surpreendente trindade, onde “a guerra é um fenômeno da violência original, do ódio e da animosidade, como um impulso; sob ação do acaso e da probabilidade; uma atividade livre; de natureza subordinada, um instrumento político, implícita apenas à tal razão pura.”⁸ Importante reconhecer que a cultura é grande determinante de como os seres humanos se comportam, permitindo, em certa medida, aceitar a indiscutível potencialidade humana para a violência, em fazer guerra, entendendo-a como um fenômeno social, observável, e intrínseca à sociedade.

Vejam os a seguir, então, como as Ciências Militares e seu objeto têm sido moldados, com base em perspectivas ontológicas e teleológicas para esse campo de estudo.

QUESTÕES ONTOLÓGICAS E TELEOLÓGICAS - ROBUSTECENDO O OBJETO DAS CIÊNCIAS MILITARES

Nessa discussão acerca das Ciências Militares enquanto campo de estudo em desenvolvimento, Cunha e Migon¹⁰ salientaram que as “Ciências Militares são um corpo organizado e sistematizado de conhecimentos, além de possuírem princípios, métodos, técnicas e tecnologias próprios, cuja finalidade é **o emprego da força armada**” (grifo nosso).

O estudo da guerra, então, pode ser visto através da lente das interações humanas, uma vez que forças em combate e em conflito são, via de regra, formadas por seres humanos, alocando, assim, as Ciências Militares, no campo das humanidades, pois estão conectadas aos aspectos da condição do que é ser humano, buscando compreender um mundo no qual a irracionalidade e a razão tentam dialogar. É por isso que, como campo de estudo científico, as Ciências Militares tentam responder questões geradas pelas ações do ser humano, mas nem sempre sendo possível entregar respostas a contento.¹¹ Nesse contexto, Jordan¹¹, então, define as Ciências Militares como:

Um conjunto sistematizado de conhecimento, naquilo que tange à teoria, sua aplicação e emprego de unidades militares e armamento na condução da guerra e no conflito armado, abrangendo questões relacionadas à liderança militar; organização militar; ao treinamento militar e educação; à história e geografia militar; à ética e à doutrina militar; às questões táticas, operacionais e estratégias; à tecnologia militar e aos equipamentos. [...] Classificada na classe das Ciências Sociais (p. 18).

Como campo de estudo disciplinar, as Ciências Militares têm sofrido, ao longo de sua trajetória, muitas críticas, principalmente, naquilo que tange à sua legitimidade como campo acadêmico¹¹. No entanto, convém ressaltar que como muitos campos multidisciplinares e interdisciplinares, o fato de não possuir uma teoria unificada, e, por outro lado, ser um campo de estudo abrangente, fazendo uso de diversas abordagens, perspectivas, metodologias, métodos e técnicas, não descaracteriza as Ciências Militares como fonte geradora de conhecimento científico relevante, com aplicações em diversas áreas como a Segurança e Defesa, em particular.



Ainda sobre as questões que permeiam a definição conceitual de Ciências Militares, Voelz¹² nos explica que as Ciências Militares funcionam como corpo teórico, conceitual e metodológico de emprego das forças armadas. Já o dicionário Merriam-Webster¹³ explicita que esse é um ramo de estudo que trata dos “princípios do conflito militar” em si, o que já posiciona as Ciências Militares como um campo de estudo relevante para a compreensão de relações humanas, potencialmente geradoras de conflito, dos resultados do conflito, dos agentes em conflito, dos Estados (Defesa e Segurança), dos indivíduos, dos métodos e teorias dimensionados para essa vertente, dentre muitos outros aspectos.

Corrêa¹⁴, no que lhe diz respeito, retoma a discussão da (im)possibilidade enquanto ciência e nos informa que há uma inquietação no que tange às Ciências Militares. “Não ser” não é a mesma coisa que “não ter”. Convencionou-se dizer que as Ciências Militares recorrem significativamente aos conhecimentos científicos de diversas áreas no processo de elaboração de um arcabouço particular para si. Assim, as Ciências Militares poderiam ser vistas como uma investigação cientificamente instruída, pois seu campo está mais relacionado às Ciências Sociais aplicadas.

Trazendo um contraponto, Medeiros¹⁵ nos explica que produzir conhecimento em áreas que tratam de segurança, defesa e estratégia, tem, em certa medida, impulsionado a existência de muitas variações a esse respeito – pensar as Ciências Militares como campo de estudo ou como área científica. Igualmente, dada a complexidade dos campos, há uma interligação entre elementos e conhecimentos de ordem teórica e tácita, bem como de arcabouços epistêmicos, que versam sobre regularidades, referências e resultados gerados frente a determinada realidade. Como conclusões e soluções são marcadas no tempo e espaço, abre-se possibilidade para contestações posteriores em vê-las como ciência e não como um campo de estudo da Segurança e Defesa, em particular.

Contudo, Raleiras¹⁶ chama a atenção para um paradoxo existente no âmbito das Ciências Militares. Segundo o autor, a existência de uma ciência militar com leis, princípios e regras é muito antiga. Afinal, o fenômeno da guerra é epidêmico em todas as épocas da história humana. Além disso, Raleiras¹⁶, como outros autores, ressalta que as Ciências Militares possuem um corpo sistematizado de conhecimentos, uma metodologia própria, uma finalidade única e um núcleo de disciplinas específicas, o que, teoricamente, lhe confere autonomia em relação a outras áreas do saber. No entanto, ainda não existe uma definição muito clara e muito menos um consenso para o enquadramento das Ciências Militares e de seu conteúdo em uma área específica do conhecimento. É um ponto que ainda segue em debate e em construção.

Segundo Migon¹⁷, é compreensível que exista esse debate acerca do enquadramento das Ciências Militares como área do conhecimento. Para o autor, em termos epistemológicos, a discussão acerca da origem, natureza, função e cientificidade do fenômeno da guerra transcende o pensamento especializado dos cientistas militares, permeando outras áreas do saber. Isso ocorre



porque a guerra pode ser examinada como um fenômeno político e/ou social, público e/ou privado, impactando simultaneamente indivíduos, sociedades, países e a comunidade internacional.

De acordo com Domingos Neto¹⁸, são as influências e reivindicações do meio profissional, e de atuação governamental, que fomentam o reconhecimento de uma área do conhecimento científico. Nesse sentido, Saint-Pierre *et al.*¹⁹ trazem a ideia de que esse reconhecimento tanto de um tema, quanto de uma determinada área dependem de uma construção no nível político. A partir dessa ideia, podemos, inclusive, adicionar que a questão de registro e institucionalização terminológica também resvala na não padronização e difusão conceitual sobre as Ciências Militares.

Isto posto, para o estabelecimento de um conceito científico sobre as Ciências Militares, faz-se necessário entender a diferença entre área científica e campo de estudos. Por área científica, podemos compreender como o conjunto de pesquisadores que compartilham de visões acerca do tema, viés ontológico, e de seus conteúdos, viés epistemológico, além de seus métodos¹⁰. Desta forma, podemos agregar um conjunto mais harmonioso e equilibrado de conhecimentos e teorias, que podem servir a diversas aplicações para o objeto escolhido – o conflito e seus aspectos inerentes à Segurança e à Defesa.

Diante desse debate, é possível perceber que não há um determinado consenso acerca das Ciências Militares, embora seja, também, possível, em certa medida, reconhecê-las como campo de estudo sob o guarda-chuva da Segurança/Defesa (objeto unificador da comunidade epistêmica).

Na seção seguinte, então, faremos um breve sobrevoo sobre algumas correntes do pensamento filosófico, buscando entender como a trajetória das Ciências Militares pode ajudar a consolidar uma definição das Ciências Militares como fonte de conhecimento científico e/ou campo de estudo.

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE AS CIÊNCIAS MILITARES

As perspectivas epistemológicas provenientes das Ciências Humanas são fundamentais para a compreensão e o avanço das Ciências Militares. Ao longo da história, diversas correntes filosóficas de pensamento têm exercido uma influência considerável sobre esse campo. Entre elas, destacam-se o positivismo de Auguste Comte, que preconiza uma abordagem científica e empírica para a análise dos fenômenos sociais; o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, que propõe a interpretação das culturas como sistemas complexos e inter-relacionados; e as concepções pós-positivistas de Thomas Kuhn, que sublinham a relevância das revoluções científicas e das consequentes transformações de paradigmas.

Conforme apontam Iskandar e Leal²⁰, Auguste Comte é reconhecido como o precursor da Sociologia, disciplina que aborda os fenômenos sociais com rigor científico. Ele foi o pioneiro do Positivismo, corrente filosófica que serviu de sustentáculo para o desenvolvimento do Cientificismo.



Esse último, por sua vez, defende a primazia da Ciência como a única via legítima para a aquisição do conhecimento. A obra de Comte abrangeu um vasto espectro teórico, desde a Teoria do Conhecimento até a própria Sociologia. Trazia consigo a ideia de que a razão e a ciência são indispensáveis à existência humana, promovendo uma metodologia orientada para um entendimento positivo, concreto e objetivo da realidade. Notavelmente, as ideias positivistas de Comte, com sua enfática valorização da ordem e do progresso, exerceram uma profunda influência na formação do 'pensamento militar brasileiro', sendo adotadas por muitos membros das Forças Armadas como uma filosofia norteadora para a estruturação do Estado e das instituições militares em si.

Já o estruturalismo de Lévi-Strauss emerge como uma metodologia fundamental para a análise das Ciências Sociais. Essa abordagem propõe a análise das culturas como sistemas interdependentes, onde os componentes individuais adquirem significado apenas quando inseridos e compreendidos em sua relação com o todo. No contexto prático, isso se traduz na possibilidade de analisar as culturas militares e suas tradições, permitindo uma investigação sistemática da estratégia e da tática, por meio da elucidação dessas estruturas subjacentes.²¹

Kuhn²², então, explica que o conceito de ciência se fundamenta em realizações científicas pretéritas, amplamente reconhecidas e aceitas por uma comunidade científica específica. O autor descreve os "paradigmas" como conquistas inovadoras capazes de angariar um segmento duradouro de seguidores que compartilham da crença nessa nova 'verdade'. Ele acrescenta que esses paradigmas não apenas direcionam o curso das pesquisas, mas também determinam as perguntas a serem investigadas e os métodos apropriados para tal empreendimento. Os pressupostos "pós-positivistas" de Kuhn desempenharam um papel igualmente significativo no processo de reflexão e aperfeiçoamento das Ciências Militares brasileiras, por exemplo.

O progresso científico não se dá meramente pela acumulação de conhecimento, mas sim através de transformações paradigmáticas, nas quais novas teorias têm o potencial de suplantar as preexistentes.²² Os princípios pós-positivistas defendidos por ele fomentaram uma cultura de constante revisão e inovação, aspecto crucial para o enfrentamento dos desafios contemporâneos e para a promoção de uma interação mais robusta entre as Ciências Militares e as demais áreas do saber. Uma prática de se pensar a própria prática, em uma constante cultura exploratória.

Após essa breve exposição epistemológica, vejamos, então, na seção a seguir, como as Ciências Militares, na busca pelo reconhecimento da comunidade científica, estão organizadas e sistematizadas no Brasil.



AS CIÊNCIAS MILITARES NO BRASIL

O Exército Brasileiro foi o pioneiro, entre as Forças Armadas, a desenvolver uma legislação específica (Lei de Ensino no Exército) tratando do tema das Ciências Militares, enquanto curso de bacharelado, oferecido na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), no Brasil.⁴ Nesse sentido, no ano de 2010, a Portaria N° 734²³, da Secretaria Geral do Exército, trouxe a definição de Ciências Militares como um conjunto de conhecimentos sobre a arte da guerra; construído a partir de pesquisa científica, práticas, experiência e observação dos fenômenos de conflitualidade. Posteriormente, o Ministério da Educação homologou a equiparação de grau de estudos das Ciências Militares no Sistema de Educação brasileiro.

A cientificidade das Ciências Militares é um aspecto intrínseco, evidenciado tanto pela sua especificidade disciplinar quanto pela estrutura e sistema de ensino próprios das Forças Armadas. Essa assertiva encontra respaldo adicional em marcos legais vigentes, tais como no Artigo 83, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)²⁴, e a Lei de Ensino do Exército, dentre outros dispositivos formais.

Complementarmente, Nunes²⁵ observa que o ambiente acadêmico tem desempenhado um papel cada vez mais relevante nessa pauta. Segundo o autor, a inserção das Ciências Militares no rol das disciplinas estudadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), juntamente com a inserção de uma área de Defesa e Segurança Nacionais no Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020 – que previu recursos de fomento e bolsas de estudo no Brasil e no exterior – configura um novo e promissor contexto para os estudos de Segurança e Defesa no país.

Embora o conceito de Ciências Militares possa, por vezes, suscitar debates sobre uma potencial exclusão de atores civis deste campo do saber, essa percepção é veementemente contestada na prática. A evidência reside, por exemplo, na criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (PPGCM), na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), que promove a integração de militares e civis, oriundos de diversas áreas, em seus cursos de nível *stricto sensu*, reforçando a natureza multi(inter)disciplinar e inclusiva da área.

Proença Júnior e Duarte²⁶ nos relembram, então, que, de modo geral, observa-se que, tal como os militares frequentemente se opõem à interferência política na condução da guerra, especialmente quando essa se manifesta como ingerência civil em operações, muitos intelectuais também hesitam em conferir à guerra o *status* de instrumento político ou de prioridade acadêmica. E, assim, segue o debate.

Naquilo que tange aos programas de pós-graduação, o PPGCM oferecido na ECEME, a partir de sua natureza interdisciplinar, prioriza o estudo das Ciências Militares e sua interlocução com as demais áreas do conhecimento, em particular naquilo que concerne às Ciências Humanas



e Ciências Sociais Aplicadas.^{10,3} O fortalecimento contínuo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares e o reconhecimento da cientificidade das Ciências Militares têm sido impulsionados pelo estabelecimento de parcerias de pesquisa com outras Instituições de Ensino Superior (IES). Essas colaborações são fundamentadas, a título de exemplo, em programas estratégicos como o Pró-Defesa (CAPES/MD) e o Programa Pró-Estratégia (CAPES/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República).¹⁰

Toda essa integração acadêmica, que abrange as Ciências Militares, a Defesa e outras áreas afins, revela um significativo potencial teórico para o modelo de Estudos de Segurança e Defesa como área *mater* dos campos de estudo. Para ilustrar essa perspectiva, o quadro a seguir apresenta uma síntese dessa estrutura integrada:

Quadro 1. Modelo de Estudos de Segurança e Defesa com a inserção das Ciências Militares.

Programa de Pós-Graduação	Instituição de Ensino Superior	Áreas de Concentração
Ciências Aeroespaciais (PPGCA)	UNIFA	Ciências Aeroespaciais e Pensamento político-estratégico
Ciências Militares (PPGCM)	ECEME	Defesa Nacional
Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI)	UFRGS	Segurança, Integração e Desenvolvimento
Estudos Marítimos (PPGEM)	EGN	Segurança, Defesa e Estratégia Marítima
Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST)	UFF	Defesa nacional e poder político. Teoria e análise de relações internacionais e segurança internacional
San Tiago Dantas (PPG-STD)	UNESP	Paz, Defesa e Segurança Internacional

Fonte: o Autor¹⁰

Em uma perspectiva global, embora a área das Ciências Militares não possua uma definição universalmente singular, observa-se que sua conceituação exibe notáveis similaridades em diversos países. Em Portugal, por exemplo, as Ciências Militares são compreendidas como "... todas as disciplinas cujo conhecimento interesse de modo direto à condução da guerra."¹⁶ Nos Estados Unidos da América (EUA), por sua vez, a abordagem é um pouco mais abrangente, descrevendo-as como "o conhecimento sistematizado dos princípios da guerra; o desenvolvimento sistemático, exame e disseminação dos métodos apropriados; e o desenvolvimento sistemático, análise e compreensão das capacidades."¹⁶

³ Santos AO. A ECEME fortalece seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares e dá avanços significativos na consolidação de seus cursos de mestrado e doutorado. EBlog, 2015 *apud* (10).



No contexto brasileiro, as Ciências Militares são compreendidas como um corpo sistemático de conhecimentos relacionados à arte da guerra. Esse sistema é edificado por meio de pesquisa científica, práticas específicas da esfera militar, experiência acumulada e pela observação atenta dos fenômenos inerentes a guerras e conflitos. Esta área científica emprega a metodologia peculiar do Ensino Superior Militar, estando formalmente integrado à Grande Área (CAPES) do Conhecimento da Defesa e incluído no rol das Ciências investigadas no Brasil. A finalidade primordial de seu estudo é multifacetada, abrangendo a formulação da doutrina militar, o desenvolvimento contínuo do conhecimento em Defesa e a preparação de líderes militares, pesquisadores, planejadores e gestores aptos a administrar os recursos disponibilizados às **Forças Armadas** (grifo nosso).¹⁰⁻¹⁶⁻²⁷

Tendo construído um percurso de debate calcado em questões ontológicas, epistemológicas e teleológicas das Ciências Militares, na seção a seguir, serão apresentadas as considerações finais sobre a presença das Ciências Militares como relevante campo de estudo acadêmico com contribuição efetiva para a produção de conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o conceito de Ciências Militares possa suscitar críticas quanto a uma suposta exclusão de civis dessa esfera do conhecimento, Saint-Pierre¹⁹ destaca essa existência de um espaço vital para que acadêmicos e militares colaborem na reflexão e no debate sobre fenômenos como guerra, estratégia e defesa. Essa interação é benéfica, uma vez que enriquece a perspectiva pragmática do militar e aprofunda o pensamento epistêmico do acadêmico, seja ele proveniente do meio civil ou militar.

Cabe acrescentar ao pensamento de Saint-Pierre que, atualmente, a comunidade acadêmica pode ser formada por civis e militares, conforme preconiza a iniciativa do PPGCM da ECEME, que proporciona a formação de uma comunidade epistêmica plural e diversa, com civis e militares, pensando a Segurança e a Defesa.

Deste modo, observa-se que as Ciências Militares e os Estudos de Segurança e Defesa têm ganhado crescente relevância nas comunidades acadêmicas nacional e internacional. Esse fenômeno impulsiona um aumento nas discussões sobre as metodologias de estudo, visões, abordagens científicas, epistemológicas e teleológicas, além de aprofundar a compreensão de seu caráter inerentemente multi(inter)disciplinar, ainda que divergências sejam comuns nesse aspecto.

Conforme elucidado por Saint-Pierre²⁸, os membros da Comunidade Científica de Defesa não se autoidentificam como 'defensólogos'. Em vez disso, eles têm origens diversas; são historiadores, geógrafos, sociólogos, filósofos, economistas, cientistas políticos, linguistas, advogados, internacionalistas, dentre outros. A solidez científica desses profissionais advém de sua



formação em áreas epistêmicas específicas, unindo-se em torno de um objeto de estudo comum: a Defesa Nacional e o emprego das Forças Armadas.

A percepção de que as Ciências Militares possuem uma abordagem científica própria não invalida, de forma alguma, a existência de uma comunidade epistêmica convergindo para o objeto de estudo da Defesa. Alguns pesquisadores, como mencionado, ainda interpretam as Ciências Militares e seu objeto como dependentes de um aparato teórico multi(inter)disciplinar para sua plena expressão, ou as veem com complexidade, especialmente na conceituação de seu objeto de estudo e na delimitação de seu campo de ação.

Em síntese, as Ciências Militares emergem como um instrumento contemporâneo fundamental para o desenvolvimento da Segurança e Defesa Nacional. Elas empregam suas diversas áreas de concentração para oferecer uma análise aprofundada do cenário geopolítico global. A compreensão das dinâmicas internacionais, combinada com a capacidade de antecipar e responder a ameaças, assegura ao país uma posição estratégica e segura no complexo e atual panorama mundial.

Desse modo, sem ter a pretensão de esgotar a discussão sobre o assunto, me parece, neste momento totalmente cabível delimitar a Defesa (incluindo suas ramificações e interações) como o objeto de estudo das Ciências Militares, percebendo sua multi(inter)disciplinaridade, bem como a interseção entre os diversos “tipos” de Ciências Militares (terrestres, navais, espaciais) que orbitam em torno do mesmo objeto de investigação – a Defesa Nacional, pensada a partir do Conflito, da Guerra, da Paz e Segurança.

REFERÊNCIAS

1. Chalmers A. What is this thing called science? An assessment of the nature and status of science and its methods. University of Queensland Press; 2013.
2. Alves R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. Editora Brasiliense; 1981.
3. Oliveira S. O estudo das ciências militares e a sua relação com as disciplinas na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Rev Agulhas Negras. 2023;7(10):101-112.
4. Cunha R, Migon E. Ensino de pós-graduação no Brasil: as Ciências Militares. Rev Bras Estud Def. 2017;4(1).
5. Pellegrini RP. The links between science, philosophy, and military theory: understanding the past, implications for the future. Maxwell Air Force Base (AL): Faculty of the School of Advanced Airpower Studies; 1997.
6. Bellvé M. Diccionario de ciencias militares. Barcelona: Revista Científico-Militar y Biblioteca Militar; 1895.
7. Bogdanove SA. Military science, its structure and content as the present stage in the development of military thought. Military Thought. 2004;13(2):135-150.



8. Clausewitz CV. Da guerra. São Paulo: Martins Fontes; 2023. p. 28.
9. Keegan J. Uma história da guerra. São Paulo: Companhia de Bolso; 2006. p. 18.
10. Cunha R, Migon E. As Ciências Militares e a configuração dos Estudos de Defesa como área do conhecimento científico. Coleção Meira Mattos. 2019;13(46):9-28.
11. Jordan KC. Military science. In: Piehler G, editor. Encyclopedia of Military Science. Los Angeles: SAGE Reference Publications; 2013. v. 4. p. 880-885.
12. Voelz G. Is Military Science “Scientific”? Joint Force Quarterly. 2014;75(4th Quarter).
13. Merriam-Webster. Military Science. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/military%20science>
14. Corrêa D. Entre cientifização e a cientificidade: o problema do termo “Ciência Militar”. Diálogos Internacionais. 2022;9(90):1-13.
15. Medeiros SE. Da epistemologia dos estudos de defesa e os seus campos híbridos. Rev Bras Estud Def. 2015;2(2):43-55.
16. Raleiras M. Doutorado em Ciências Militares: um fim ou uma fase do processo educativo das Forças Armadas? Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares; 2011.
17. Migon E. Educação e cultura no século XXI: o Instituto Meira Mattos. Ensino de pós-graduação no Brasil: as Ciências Militares. Rev Clube Militar. 2015;(456):34-37.
18. Domingos Neto M. Defesa e segurança como área do conhecimento científico. Tensões Mundiais. 2006;2(3):136-149.
19. Saint-Pierre HL, et al. Seminário sobre a configuração dos estudos da defesa como área do conhecimento científico: reunião conjunta ABED-CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2012.
20. Iskandar J, Leal M. Sobre positivismo e educação. Rev Diálogo Educ. 2002;3(7):89-94. doi:10.7213/rde.v3i7.4897.
21. Thiry-Cherques H. Métodos estruturalistas: pesquisas em ciências de gestão. São Paulo: Atlas; 2008.
22. Kuhn T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 2013.
23. Brasil. Portaria nº 734, de 19 de agosto de 2010. Conceitua Ciências Militares, estabelece sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo. Boletim do Exército. 2010;(34).
24. Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9. ed. Brasília (DF): Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas; 2026.
25. Nunes RF. O Instituto Meira Mattos da ECEME e o processo de transformação do Exército Brasileiro. Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares. 2012;26:9-17.
26. Proença Júnior D, Duarte E. Os estudos estratégicos como base reflexiva da defesa nacional. Rev Bras Polít Int. 2007;50(1):29-46.



27. Domingos Neto M. Sobre estudos de defesa. In: Palestra proferida na Escola Superior de Guerra (ESG). Rio de Janeiro: ESG; 2013.
28. Saint-Pierre HL. Ensaio sobre os estudos de defesa e a comunidade que os pratica. Rev Bras Estud Def. 2015;2(2):29-39.

Contato para correspondência:

Israel Alves de Souza Júnior

E-mail:

oficialisrael@gmail.com

Conflito de interesse: Não

Financiamento: Recursos Próprios

